

# Artigos sobre Histórias em Quadrinhos

## 7

## O PEQUENO XERIFE XUXÁ

Carlos Gonçalves

### O PEQUENO XERIFE

Esta é uma das poucas personagens de Histórias em Quadrinhos que nos são mais queridos, talvez porque apareceu numa altura da nossa adolescência e também pelo modo como surgiram as suas aventuras no nosso país, numa edição brasileira, em formato de tira e com bonitas capas a cores, apesar das suas dimensões. Enquadram-se nestas recordações, igualmente as aventuras de *Xuxá*, de que gostamos igualmente. Seria a 30 de junho de 1948 que *O Pequeno Xerife* apareceria em Itália, seu país de origem, destinado a obter um notável sucesso, quase durante 20 anos. Chamava-se *Kit Hodgkins, il Piccolo Sceriffo*. Os textos eram de Tristano Torelli (também editor da revista) e os desenhos de Camillo Zuffi. Ao fim deste mais de meio século e analisando o passado, teremos de nos interrogar sobre o que teria levado a que esta série se tornasse num grande êxito junto dos jovens leitores, se até verificamos hoje que os desenhos nem sequer eram perfeitos, os balões cheios de texto e os cenários fracos. Seriam as histórias? Também não eram assim tão boas... Mas vamos recapitular alguns pontos e algumas interrogações, que nos parecem importantes sobre esta série, o que nos ajudará, talvez, a perceber a razão da aceitação dos leitores que, se verificaria, não só em Itália, mas também em outros países, onde a mesma personagem seria publicada, tais como em Espanha, França, Brasil (Portugal através da respectiva edição brasileira), etc...



Capa do nº 1 (30/6/1948) da 1ª série de *Il Piccolo Sceriffo* e 1ª página da história.

As capas são o primeiro ponto importante, já que além de apresentarem sempre, no canto superior esquerdo a bandeira norte-americana (na primeira série mais pequena e na segunda, maior), surgiam as cores, sempre com um desenho sugestivo e cheio de ação. Não nos podemos esquecer que tinha acabado a Segunda Guerra Mundial e os norte-americanos tinham estado em Itália... A cena de cada capa enchia os olhos da criança e preenchia a fantasia do futuro leitor de cada fascículo. Os desenhos também eram cuidados e fabulosos nas suas cores garridas. Esta foi uma escolha acertada do editor, para chamar a atenção para cada edição, ao mesmo tempo que cada capa se identificava com a própria série. Depois temos o próprio formato, 16,5x8cm. Podia ser guardada em qualquer lado, inclusive nos livros de estudo, sem ninguém ver. Temos depois a identificação com cada leitor.

A fórmula não era desconhecida, embora em Itália só a partir daqui passaria a ser usada mais vezes. Jesus Blasco, quando criou *Cuto*, identificou-o com os leitores mais jovens, apresentando-o com uma idade aproximada de 11/12 anos. Isto permitiu um maior sucesso para a sua personagem, já que todos os leitores adolescentes se identificavam com o herói e viviam as aventuras dele, como se fossem suas, independentemente dos perigos, das dificuldades e das vicissitudes que elas acarretavam.

Com *O Pequeno Xerife* aconteceria o mesmo, já que a parceira do pequeno herói, que se chamava *Flossy*, apresentava-se com uma idade aproximada de 14/15 anos, enquanto *Kit* só aparentava ter unicamente 13/14 anos. É claro que todos os jovens adoraram ler as aventuras deste destemido e valente *Pequeno Xerife*, ainda que a credibilidade desta situação jamais pudesse acontecer. Um xerife imberbe a impor a lei a empedernidos fora-da-lei está fora de causa e jamais poderia ter consistência na Conquista do Oeste. No entanto, será uma tônica a usar futuramente na 9ª Arte, porque mais tarde não faltarão pequenos vagabundos valentes, pequenos capitães, pequenos e imberbes detetives, pequenos rangers, etc.

O pequeno leitor guardava a revista, colecionava-a e o sucesso estava garantido.



Capas dos n.ºs 17 e 62 da 1ª série de *Il Piccolo Sceriffo*.

Quanto ao enredo, o texto que Torelli preparou na série de aventuras de *Il Piccolo Sceriffo* continha um só elemento que fascinava os garotos: o senso do maravilhoso e do não previsto. Sem se preocupar com a realidade histórica, o autor abordava os temas mais candentes, desde encontros com uma tribo de canibais, uma luta contra uma população de indígenas a viver nos tempos pré-históricos, o aparecimento de uma tribo de velhos índios que habitavam em cavernas e muitas mais incongruências. Todos estes temas despertavam grandes paixões nos mais jovens de então, de tal modo que, quando os textos passaram a ter maior credibilidade, a série passou a perder popularidade. Os diálogos também não eram famosos. Na maior parte das vezes o nosso herói, quando se encontrava em apuros, passava a vida a evocar os nomes da mãe (que tinha morrido pouco depois de dar à luz a sua irmã *Lizzie*) ou o da sua própria irmã, que o aguardava em casa, ao mesmo tempo que tenta salvar-se. Os textos também não primavam pelo interesse. Mas era salientado sempre o amor de mãe e as emoções que eram exteriorizadas pela personagem, isso conquistava uma certa atenção por parte dos leitores.

Chegou a ser rodado um filme sobre a personagem, que não teria êxito. Um livro seria escrito por Giana Anguissola, escritora de literatura infantil e argumentista, baseado nas personagens e nos relatos dos fascículos, embora a autora tenha alterado um pouco as situações descritas, tornando-as mais realistas. A edição seria igualmente um fracasso, não pela qualidade literária do trabalho, mas sim porque a escritora não dominava inteiramente o tema do *western*.



Capas dos nºs 134, 137, 139 e 141 da 1ª série de **Il Piccolo Sceriffo**.

## A HISTÓRIA DE KIT

*Kit* é um rapaz que se torna xerife de Paire Town, depois do seu pai ter sido morto por um bandido, chamado *Jamaica Jim*. O seu pai era xerife naquela cidade. *Kit* jamais atraçoará o seu princípio de justiça e o seu respeito pela lei e a sua vontade nunca vacilará, mesmo quando assediado por lindas jovens. Naquele tempo o sexo estava posto de parte, por causa da censura. As figuras secundárias irão ser um tipo estranho, entre o delinquente e o defensor da lei, chamado *Garret*, mas bastante simpático, que o ajudará nas suas aventuras. Com o passar do tempo, será substituído por *Piggie*, um agente federal forte e mais interessado na boa mesa do que na lei. Depois é a vez de *Flossy*, filha de *Garret*, que só será beijada no Natal e no dia do seu aniversário e que faz o papel de namorada do nosso herói e que, tal como ele, encontra-se às vezes metida em perigos. Temos igualmente *Lizzie*, a irmã de *Kit*. O mundo animal não escapa e vamos encontrar *Roky*, um *coyote* domesticado, que ao longo dos episódios será tanta vez ferido que acabamos por perder a conta, e *Blake*, um cavalo que acompanha *Kit* nas suas aventuras desde a primeira história.



Capa do nº 20 da 2ª série de **Il Piccolo Sceriffo** e 1ª página do 1º número da 4ª série.

## AS SÉRIES ITALIANAS

**1ª Série** – jun/1948 a nov/1951 – 173 números em tira (32 páginas + capa e contracapa), da autoria de Zuffi.

**2ª Série** – nov/1951 a abr/1954 – 126 fascículos em tira (32 páginas + capa e contracapa), da autoria de Zuffi.

**3ª Série** – abr/1954 a abr/1955 – 54 fascículos, formato quadrado (12x11,5cm). As capas são de Palú. Nas 32 páginas, 16 são de *Kit*, as restantes apresentam outras personagens: *Tati* de Antonio Toldo (nºs 1 a 11), a história de um rapaz fugido de um reformatório; *Marilina* de Cubbino (nºs 12 a 42), uma aventura de ficção científica; *La Pattuglia del Cielo* de Taccone e Coppola (nºs 13 a 27), uma história espacial com piratas no ano 2000; *Cuore Crociato* de Antonio Toldo (nºs 28 a 42), uma história de capa e espada; e *Bebi Grande* de Mondipó (nºs 43 a 54).

**4ª Série** – abr/1955 a jun/1956 – 60 fascículos, com mudança de formato. As capas são de Cubbino, Zuffi, Taccone, etc. Nesta série, só 11 números serão de *Kit*. Os outros são de *Sciusciá* na pele de jornalista; *Nat del Santa Cruz*; *Il Capitano Mac* de Taccone (desde o nº 29), aventuras de um aviador; *Lai* de Coppola (desde o nº 45), aventuras de várias órfãs; e *Battista il Turista* de Giaiotto (série cômica).

**5ª Série** – jul/1956 a mai/1957 – 48 números a cores. As capas são de vários autores. Tem ainda as aventuras de *Mike Mount Nel 2000* de Cubbino, com histórias futuristas, além da história de *Kit*; *La Storia di Bert e Bart* de M. Sawyer, peripécia de um vagabundo; *Jerry Jess* de Palú; *Ciak* de Gamba; *L'Amico Degli Animali*; e *La Piuma d'Argento*, estas duas últimas histórias da autoria de Cubbino.

**6ª Série** – mai/1957 a abr/1960 – 152 fascículos. As capas são de Bernini e de Tacconi. As personagens secundárias são várias.

**7ª Série** – abr/1960 a abr/1961 – 54 fascículos e novas personagens secundárias.

**8ª Série** – abr/1961 a abr/1963 – 104 fascículos, mas a personagem principal é *Radar*.

**9ª e 10ª Séries** – abr/1963 a out/1964 – 18 álbuns e 30 números, respectivamente, mas quase sem interesse e finalizam o número de séries e também as aventuras de *Kit*.



Capas dos nºs 1 (12/1/1950), 2, 3 e 15 da 1ª série de *O Pequeno Sheriff*.

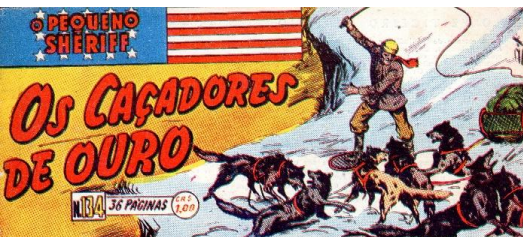
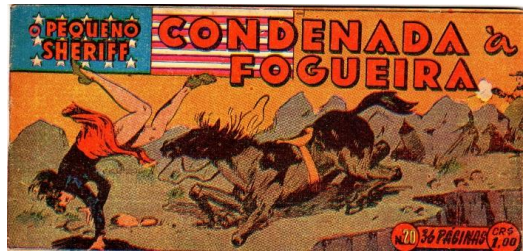
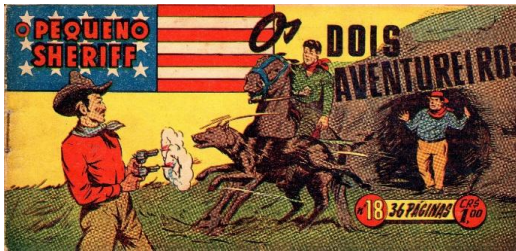
## AS SÉRIES NO BRASIL

**1ª Série** – 12/1/1950 a 30/4/1953 – 173 números idênticos aos publicados em Itália, seguindo rigorosamente essa edição.

**2ª Série** – 7/5/1953 a 24/1/1957 – 195 números publicados, quase todos com 32 páginas, exceto os últimos que têm uma página a mais. Também tem mais 69 números que em Itália. Deduzimos que foram sempre usadas tiras no Brasil, apesar de originalmente a revista ter maior formato.

**3ª e 4ª Séries** – 31/1/1957 a 11/9/1958 – são de maior formato e já misturam personagens. A 3ª Série tem a numeração do 1 ao 52 e a 4ª Série, do 53 ao 84. As séries secundárias são *Mike Mount Nel 2000* (*Aventuras Prodigiousas no Ano 2000*) de Cubbino, *Nat dos Sete Mares* de Ferdinando Tacconi, etc.

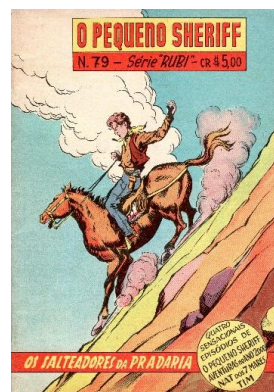
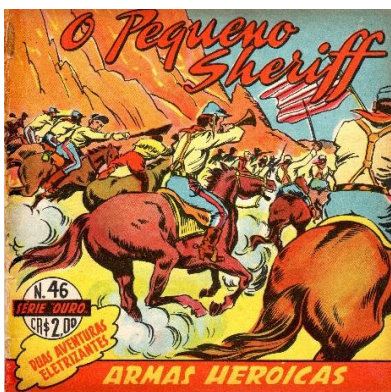
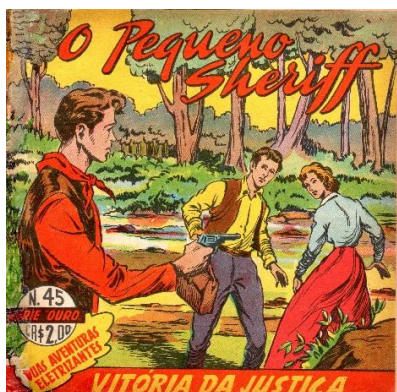
Nota: Não conhecemos muito bem as duas últimas séries.



Capas dos n.ºs 18, 20, 114, 115, 118, 133, 134 e 135 da 1ª série de *O Pequeno Sheriff*.



Capas dos n.ºs 138, 140 e 141 da 1ª série e n.ºs 1, 2 e 3 da 2ª série de *O Pequeno Sheriff*.



Capas dos n.ºs 45 e 46 da 3ª série (Série Ouro) e n.º 79 da 4ª série (Série Rubi) de *O Pequeno Sheriff*.

## XUXÁ, UMA PERSONAGEM FASCINANTE NO MUNDO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Não confundir este herói com a célebre Xuxa, artista e apresentadora de programas de televisão no Brasil. Digo isto porque já uma vez assim aconteceu num outro artigo anterior. Mas cada um tem o merecido reconhecimento e sucesso nos seus públicos... os que leem Histórias em Quadrinhos e os que veem televisão mais assiduamente.

Quanto a nós, só nos interessam as longas horas em que nos divertiu com as suas peripécias, muitas vezes mirabolantes, mas que vividas numa época tão conturbada, em que as mesmas se desenrolaram, merecem da nossa parte algum crédito. De qualquer dos modos na linguagem figurativa tudo é permitido e como o José Ruy em tempos intitulou um trabalho seu, “Levem-me Nesse Sonho”.

*Xuxá* é na verdade uma personagem cheia de carisma e a sua aceitação pelos leitores onde as suas aventuras seriam publicadas (quer em Itália, seu país de origem, Espanha, França, Brasil e em Portugal, pela sua circulação das edições brasileiras), deveu-se como sempre à gama de argumentistas e desenhadores que a Itália passou a ter no período da Guerra e até hoje. Tem sido uma escola frutuosa e nela têm sido criados personagens fascinantes, onde *Xuxá* está incluído.

### A HISTÓRIA DE XUXÁ

Uma aldeia italiana, situada na orla do mar Tirreno, encontrava-se ocupada pelos aliados. Estes estudavam o melhor modo de marchar contra Roma, ainda com forças nazis e italianas fiéis ao governo de Mussolini. Os aliados foram recebidos com simpatia e curiosidade pelos aldeões e refugiados de vários locais da Itália, por onde a Guerra ia destruindo tudo. Entre estes últimos encontrava-se *Nico*, mais conhecido por *Sciúscia*, nome por que eram batizados todos os garotos órfãos italianos, que carregavam a sua caixa de engraxador e que tentavam viver do seu expediente, inteligência e também coragem. Sem ajuda de ninguém e sem apoio moral, procuravam a melhor maneira de conseguir comida para si e às vezes para os seus irmãos mais jovens, que o não podiam fazer pelos seus próprios meios. Assim se iniciava uma das aventuras de um herói italiano, que se identificava com qualquer jovem leitor independentemente da sua nacionalidade. Temos verificado que muitos leitores jovens, ao lerem as aventuras de uma personagem também jovem, identificam-se com ela e passam a ter uma certa empatia com a figura... lembramos *Tintin*, *Peanuts*, *Mafalda*, etc.



Capas dos n.ºs 1 (22/1/1949), 27, 36 e 87 da 1ª série de *Sciúscia*.

A edição de *Sciúscia* no Brasil teria como consequência a sua distribuição no nosso país e o conhecimento, por parte dos leitores portugueses da época, das aventuras de *Xuxá*, onde nós nos incluímos. *Sciúscia (Xuxá)* viria a ser criado pelo editor italiano Tristano Torelli e pela escritora Giana Anguissola, em 22 de janeiro de 1949, quatro meses depois do aparecimento de *Tex*. Os dois argumentistas escreveram as aventuras de *Xuxá*, enquanto os desenhadores foram Franco Paludetti, Lina Buffolente e Ferdinando Tacconi. No entanto seria este último que se ocuparia dos primeiros fascículos desta série, antes de desenhar *Nat del Santa Cruz*. Um dos grandes atrativos desta coleção, como aconteceria com a de *O Pequeno Xerife*, seriam as suas cores e as belas capas, sempre a apresentar um novo episódio cheio de emoção e aventura. O perigo que a personagem principal corria era constante e deixava-nos presos aquele pequeno folheto com 8 centímetros de altura e 17 de comprimento. Esta seria também uma inovação, pois em Portugal nunca tinha aparecido uma revista deste tamanho. Mais tarde a série terá também argumentos de Renzo Barbieri e desenhos de Gianluigi Coppola. A personagem foi criada baseando-se num filme de Vittorio de Sica.

### AS PRIMEIRAS AVENTURAS DE XUXÁ

Na primeira aventura de *Xuxá* vamos encontrá-lo como engraxador, profissão que não exercerá por muito tempo, já que num contato com o *Capitão Wickers* das forças aliadas, acabará por ser contratado como correio. Face a essa situação é rapidamente encarregue de levar uma mensagem cifrada urgente, destinada às tropas aliadas, situadas em Nápoles e dali para Roma, ainda ocupada pelos nazis (mas onde se encontravam italianos simpatizantes dos aliados). A partir da oitava tira surgirá uma nova figura, desta vez feminina. Trata-se de *Fiametta (Tinha)* no Brasil, que acabará por acompanhar o nosso herói na suas peripécias. Intrépido e corajoso, *Xuxá* irá ocupar-se da missão (por dinheiro, claro está) de uma forma extraordinária. Logo a partir do segundo fascículo, passará a ter contatos com os alemães que o perseguirão mais tarde, desconfiando das suas atividades. Nazis e espões a trabalhar para as forças alemãs dificultarão de todas as maneiras possíveis a vida às nossas duas personagens, semana após semana. Mas estes, pouco a pouco e com a ajuda de outras figuras anônimas mas altruístas, conseguirão vencer todos os perigos. Temos de início o *Feiticeiro*, que fará explodir um barril de pólvora, juntamente com tropas nazis, que perecerão juntamente com ele.



Capas dos nºs 1 (set/1950), 2, 15 e 17 da 1ª série de *Xuxá*.



Depois, *Hércules*, *Renzo* e muitos outros (homens e mulheres sem nome), que os ajudarão a vencer todos os perigos, arriscando ao mesmo tempo as suas próprias vidas na altura. A partir do décimo capítulo surgirá pela primeira vez o *Pantera*, que acompanhará e viverá também a partir daqui todas as aventuras de *Xuxá*, que irão ter lugar em cenários de todos os gêneros, em comboios e barcos, com bombardeamentos à mistura e tempestades no mar. A emoção nunca faltará de semana para semana, identificando-se muitas vezes os leitores e leitoras com as três personagens, ao viverem esses episódios. Várias vezes prisioneiros, chegando mesmo quase a serem fuzilados, *Xuxá*, *Pantera* e *Fiametta* vão vencendo, pouco a pouco, os seus inimigos. Tortura, fogo, naufrágio, praga de ratos, internamento numa casa de loucos, tudo é pouco para dar emoção às histórias de *Xuxá*.



Capas dos n.ºs 22, 27, 33, 79, 91 e 144 (4/8/1953) da 1ª série de *Xuxá*.

A primeira aventura termina no fascículo 39, mas logo a seguir os episódios continuam, desta vez à volta de um roubo de jóias. São então capturados pelos alemães e colocados num campo de concentração. Entretanto, *Fiametta* separa-se do grupo e irá viver as suas aventuras sozinha, o que a levará até a Argélia. Mas as viagens deles não acabarão, pois de novo juntos por força do destino, vamos encontrá-los em Gibraltar e Nápoles mais tarde. Desta vez um circo, um castelo, um vulcão, uma tourada (estavam em Valência), alguns assassinatos e *Xuxá* em perigo de vida, são novas aventuras em que participam. A imaginação dos argumentistas não tinha limite e os episódios ligavam-se uns aos outros, parecendo tudo muito fácil. Uma viagem à Malásia, México e outra aos Estados Unidos da América (S. Francisco e ao seu bairro chinês) e terminando em corridas de cavalos, são mais outras peripécias. Na maior parte destas últimas aventuras, encontrava-se associada ao grupo a figura do *Capitão Wickers*, que os tinha contratado. Este é o responsável pelas missões de *Xuxá*, acabando essa primeira série numa final deslocação ao Canadá (com a respectiva Polícia Montada).

## SEGUNDA SÉRIE DE AVENTURAS

Nesta segunda fase das aventuras das nossas personagens, os dois rapazes alistam-se na Polícia Montada (já são um bocadinho mais velhos). *Fiametta*, nesta nova série, só aparece muito esporadicamente nos episódios dos dois jovens. Só a partir do fascículo 17, os leitores encontrarão esta protagonista, mas por pouco tempo. As aventuras repetem-se, mas desta vez sem guerra. O cenário também será outro. Curiosamente, uma das últimas aventuras não terá fim, já que se verificará uma interrupção e deixaremos de ter acesso a ela, a partir da altura em que os dois rapazes se encontram sozinhos na neve perdidos... a revista deixará de circular em Portugal. No entanto, no Brasil ela continuará a circular e as nossas personagens são salvas e acabarão em África, onde depois de mais perigos, o antigo *Capitão Wickers*, agora civil, é morto por selvagens. Depois é só selva, mais aventuras, mais emoção... e voltam à Itália. Termina aqui mais esta fase.



Capas dos n.ºs 1 (11/8/1953), 6, 16, 109, 135 e 182 (29/1/1957) da 2ª série de *Xuxá*.

## A TERCEIRA SÉRIE DE AVENTURAS

A terceira série de aventuras de *Xuxá* apresenta-se num novo formato... em vez de uma tira, terá duas paralelas, duplicando-se as suas dimensões e deixando de ter a graça de uma pequenina tira. Também as aventuras já não são exclusivas da nossa personagem, pois terá mais duas histórias, *A Patrulha do Céu* e *Coração Intrépido*. No que respeita a *Xuxá*, ele parte para Londres juntamente com *Pantera* e *Fiametta*, como jornalistas. Depois serão viagens atrás de viagens nas suas reportagens. De novo em Itália, depois na América do Sul, Marrocos, Cabo Verde, de novo em Londres e na Escócia.

Fiametta, que tinha anteriormente ficado em Londres, parte outra vez em grupo e a sequência continuará pelo Egito, Londres, África de novo e ficam interrompidas. Isto porque a revista deixou de circular. Sabe-se que a série originalmente terminaria em 11/9/1958 com o casamento de Xuxá com Tininha.

Quanto às outras duas séries, *A Patrulha do Céu* tem desenhos de Tacconi também. A série *Coração Intrépido* tem desenhos de Antonio Toldo. Durante 15 números, a contracapa desta terceira série era dedicada *A Patrulha do Céu* e será nesse número que ambas terminarão. A partir do nº 16, além de Xuxá, que continuará a viver as suas aventuras, surge *Nat del Santa Cruz* (*Nat dos Sete Mares*) com desenhos de Franco Paludetti e de Gianluigi Coppola mais tarde. As contracapas serão igualmente apresentadas com cenas de *Nat del Santa Cruz* até ao fim.



Capas e contracapas dos nºs 1 (5/2/1957) e 17 da 3ª série (Série Intrépidos) de Xuxá.

## ALGUNS ASPECTOS DA EDIÇÃO BRASILEIRA

O primeiro número de *Xuxá* na edição brasileira surgiu em setembro de 1950, quase dois anos depois do aparecimento da série original em Itália. Tinha 8 por 17 centímetros e custava Um Cruzeiro (1\$50 em Portugal). Era uma revista muito cara para a época, não só pelo número de páginas, como pelo seu pequeno formato e ser também impressa em preto e branco. Outras revistas portuguesas da época custavam 1\$80 por exemplo com 20 páginas (metade a preto e branco e outra metade a cores, em formato A4), como seria o caso da **Cavaleiro Andante**, mais a **Flecha, Titã** (\$70 e 2\$00). O último número da série seria o 144 (4/8/1953). A nova série, também com o número 1, data de 11/8/1953 e o último, o nº 182, data de 29/1/1957. Finalmente a terceira série apareceu com o nº 1 em 5/2/1957 e terminou no número 52, em 28/1/1958.

N.E.: A 4ª série da revista **O Pequeno Sheriff**, chamada Série Rubi, que iniciou no nº 53, em 6/2/1958, e terminou no nº 84, em 11/9/1958, dividia o espaço com outras séries. Do nº 53 ao 59, trouxe histórias de *Xuxá*, cujo título aparecia na metade inferior das capas.



Capas dos nºs 53 e 54 da 4ª série de **O Pequeno Sheriff** e cartaz do filme de Vittorio de Sica.

## O SUCESSO DA SÉRIE

O sucesso de *Xuxá* não se deveu essencialmente à personagem. O editor lembrou-se de criar aquele formato em tira e esse seria o verdadeiro sucesso, já que sete meses antes o editor Tristano Torelli lançara *O Pequeno Xerife* e quatro meses antes, as aventuras de *Tex* do Bonelli. E todas as séries, como sabemos, alcançaram o êxito merecido. Para a sua aceitação junto ao público, contaria também o nome da personagem recolhido de um filme de Vittorio de Sica, datado de 1946, intitulado precisamente como **Sciúsciá**. Conhecemos já que a adulteração da palavra inglesa *shoe-shine* pela pronúncia italiana levaria ao nome da personagem. Um sucesso rápido ajudaria a um aumento da tiragem das revistas e os pequenos heróis encontravam-se na moda, daí aparecerem mais alguns, *Nat*, *Tim*, etc.